

Varujan Vosganian: Livro dos Sussurros¹

Capítulos sete e oito

Tradução: Anna Marie Caragea e Dan Caragea

Revisão: Tizziana Giorgini Crudeli

SETE

– Não toquem nas mulheres deles, disse Armen Garo. Nem nas crianças.

Tinham-se juntado, um a um, na sede do jornal *Djagadamard* de Constantinopla, todos os membros da Missão Especial. Foram selecionados com muito cuidado. Depois, de todo o grupo, foram retidos apenas os que já tinham participado, seja por conta própria, seja em emboscadas, neste tipo de ações. «Só confio nos que já mataram», decidiu Armen Garo. Receberam as fotos daqueles que deviam encontrar nos seus esconderijos. Esconderijos que podiam estar em qualquer parte, de Berlim e Roma até às estepes da Ásia Central. Talat Paxá, ministro do Interior, de ombros largos e o pescoço grosso, tinha um corpo robusto, cuja cabeça, com queixo quadrado e maxilares prestes a rasgar, parecia antes o prolongamento do peito forte. E, na parte de baixo da foto, os punhos, duas vezes maiores que os de uma pessoa normal, deixavam transparecer a sua agressividade. Ao lado dele, frágil e de traços delicados, a sua mulher, num vestido branco e com chapéu de renda, segundo a moda europeia, tão distinta do fez do paxá. Depois, Enver, baixinho, apenas mais alto por causa dos saltos das botas. De olhar altivo e dedos fininhos, agarrando as pontas do bigode, orgulhoso dos seus alamares de comandante do exército, que, caindo profusamente dos ombros, lhe tapavam o peito estreito, tentando assim escamotear a sua modesta origem de filho de uma mãe que, para poder cria-lo, tinha-se dedicado a um dos ofícios de menor prestígio do Império: lavar os mortos. Numa das fotos, o seu braço fininho, possessivo, mas ainda assim

¹ Tradução: Anne Marie Caragea e Dan Caragea. Revisão: Tizziana Giorgini Crudeli

tímido, abraçava a cintura delicada da sua mulher, Nadjeh, princesa do harém imperial, filha do sultão, portanto. E noutra fotografia, Enver, filho da lavadeira de mortos e genro do sultão, esforçava-se a parecer altivo, com as feições congeladas, entre os retratos dos seus ídolos, Napoleão e Frederico o Grande. Djemal Paxá era uma espécie de Lépido neste triunvirato guerreiro. Com o seu aspeto comum, se não usasse os galões de ministro da Marinha, poderia passar completamente despercebido, ainda que tudo fazia para acompanhar a brutalidade de Talat e a altivez de Enver. Depois, o dr. Nazim e Behaeddin Shakir, ideólogos do do Comité para a União e o Progresso, que tiveram a ideia de libertar os criminosos que, alistados em unidades armadas, haveriam de vigiar as caravanas de deportados arménios e de massacrá-las nas encruzilhadas. Não sabemos quão bonitas seriam as suas mulheres; eram cheinhas, de cabelo preto, mas as feições não se distinguem bem, porque as únicas fotografias conservadas de quando eram jovens mostram-nas de rostos cobertos por véus, chorando à cabeceira dos caixões dos maridos, depois de o grupo justiceiro ter cumprido a sua missão. E os outros, Djemal Azmi, o prefeito de Trebizonda, Bahbud Khan Djivanshir... Armen Garo levantou as fotos de Talat e Enver, junto com as mulheres deles. Olhou para cada um deles: Solomon Tehlirian, Aram Yerkanian, Arshavir Siraghian, Hraci Papazian, Misak Torlakian.

– Não matem as mulheres deles, repetiu. Nem os filhos.

– Antes de mais nada, mataram-nos o poeta, disse Shavarsh Misakian.

A sede do jornal tinha escapado como por milagre do desastre. Aliás, para todos os arménios da capital, depois do massacre iniciado a 24 de abril de 1915, quando centenas de intelectuais foram detidos, e a grande maioria deles assassinada, a revogação da ordem de deportação foi considerada um milagre. Iriam partilhar o destino das outras comunidades arménias, sendo expulsos das próprias casas e despojados de tudo que tinham, ainda que com um destino mais cruel, porque, ao contrário dos arménios de Van, Sivas ou Adana, deveriam atravessar em caravanas todo o planalto de Anatólia em direção aos desertos da Síria onde, se não fossem assassinados pelas tropas de criminosos armados ou pelos bandos nómadas, haviam de morrer à fome e de frio na imensidão das tendas improvisadas, no deserto onde o calor tórrido de dia e o gelo da noite repartiam, em partes iguais, as vítimas.

Proibido em abril de 1915, o órgão central de imprensa da Federação Revolucionária Arménia, chamado à época *Azadamard*, reapareceu em 1918 sob um novo nome, que não deixava de evocar o primeiro, *Djagadamard*. Shavarsh Misakian era então redator-chefe e tinha voltado para retomar o cargo. Estava num cantinho, não fazia parte da Missão Especial, mas tinha uma autoridade que servia a Armen Garo e Shahan Natali. Uma autoridade que não lhe era conferida pela sua altura, mas antes, com o seu ombro inclinado e a cabeça torta, pela falta de arrogância. A sua doença impunha perante os outros, porque lembrava a teimosia com a qual tinha resistido às torturas da prisão militar onde tinha sido encarcerado, em março de 1916, e de onde, uns meses mais tarde, conseguindo escapar das mãos dos carcereiros, atirou-se de um terceiro andar para o pátio interior. Sobreviveu aos graves ferimentos e foi libertado em 27 de novembro de 1918, quando as tropas aliadas ocuparam a capital, mas o seu corpo, com os ossos esmagados, tinha assumido as iniquidades do mundo, lembrando a todos que se tinha curado do pavor da morte.

Os seus inimigos sabiam que, para poder exterminá-los como povo, era preciso matar-lhes, imediatamente, o Poeta. Para um povo oprimido e ameaçado, o Poeta tornou-se o líder. Daniel Varujan tinha sido preso, junto com os outros intelectuais, em 24 de abril de 1915. Foi atado a uma árvore e apedrejado até à morte, depois deixado a mercê dos animais e dos espíritos da noite. Algumas lendas dizem que está vivo e, durante o incêndio de Esmirna, há quem contasse que viu, por instantes, o rosto dele nos espelhos em chamas. Mas o único facto que podemos comprovar destas lendas sobre a ressurreição de Daniel Varujan é que, embora se saiba o sítio onde enfrentou as paixões, atado ao tronco da árvore, uma cruz viva portanto, não se conhece ao certo o lugar onde poderia estar sepultado. Tendo a prova da sua morte e até o nome do seu carrasco, Oguz Bey, o comandante de Ceanguiri, mas não tendo notícias sobre a sua sepultura, podemos cair na tentação da ideia da ressurreição.

Outros dos detidos de 24 de abril, como, por exemplo, os dois membros do Parlamento, o deputado de Constantinopla, Krikor Zohrab, e o de Erzerum, Vartkes Seringulian, chegaram até aos desertos sírios, a Urfa, depois a Alepo. Sobre eles nos fala Roessler, o cônsul alemão de Alepo, numa carta

dirigida ao embaixador alemão Wangenheim: «Zohrab e Vartkes *efêndi* encontram-se em Alepo e fazem parte de uma caravana de deportados com destino a Diarbekir. Para eles, isso significa morte certa: Zohrab é cardíaco, e a mulher de Vartkes acabou de dar à luz». Sobre os crimes cometidos durante a infância dos meus avós soube pormenores não tanto pelos testemunhos dos sobreviventes, mas sim, principalmente, do vangloriar dos criminosos. Que diferença entre a humildade dos que morrem e o orgulho dos que matam!... Assim, ficamos a saber que foram destripados com baionetas, que estouraram os miolos de Vartkes com arma de fogo, e a cabeça de Zohrab foi esmagada com pedras. Os corpos foram depois desmembrados e abandonados. Se alguém se desse ao trabalho de enterrar os inúmeros mortos daqueles dias, não conseguiria reconhecê-los pelos restos dos corpos destroçados.

Mas o mundo segue em frente. O lugar onde Daniel Varujan foi morto chama-se Tuna. Antes de ser separado dos outros, o Poeta disse: «Cuidem do meu filho que acabou de nascer. Que seja batizado Varujan».

– Vamos vingá-los, a ele e aos outros, disse Armen Garo, olhando fixamente Shavarsh Misakian. Por isso mesmo, não toquem nas mulheres nem nos filhos deles. Nós não somos ladrões de mortos nem assassinos de mulheres.

Estavam sentados no primeiro círculo.

– Armen tem razão, disse Shavarsh Misakian. Sigam o exemplo do general Dro.

Naquela época, Dro ainda não era general. Tinha apenas vinte e um anos, em fevereiro de 1905, quando, em Baku, começaram os massacres que duraram três dias. Uns milhares de armênios foram mortos pelos bandos tártaros. E o príncipe Nakashidze, governador do czar, apesar dos gritos desesperados da população arménia, nada fez para protegê-la, pior ainda, forneceu armas aos atacantes. O Comité Central da Federação Revolucionária Arménia comunicou então ao governador-geral Nakashidze que o partido o condenara à morte. O jovem Drastamat Kanayan, que já encontrámos sob o nome de general Dro, foi encarregue de executar a sentença.

No dia estabelecido, Dro esperou pela comitiva do governador numa rua estreita, no sítio onde a guarda dos cavaleiros cossacos não podia ladear o coche principesco. A bomba tinha sido colocada num saquinho e coberta com

cachos de uvas. Mas vendo que o príncipe vinha acompanhado da mulher, Dro hesitou e, por fim, desistiu, contentando-se apenas em vê-los passar. Esperou até ao cair da noite. Na volta, no coche estava apenas o príncipe. Quando o cortejo passou por ele, Dro atirou o bernal para dentro do coche e fugiu. A explosão foi terrível. Junto com Nakashidze foram pulverizados vários cavaleiros da guarda governamental. Aproveitando-se do pânico, Dro conseguiu desaparecer, e alguns camaradas passaram-no, na mesma noite, para o outro lado da fronteira turca, onde permaneceu por nove anos, até ao início da guerra.

– Mas, na época, Dro não poderia imaginar o que havia de acontecer, disse Arshavir Shiraghian.

Ninguém imaginou. Os líderes arménios tinham apoiado os *Jovens Turcos* a chegarem ao poder, considerando que eles poderiam pôr fim às atrocidades do sanguinário sultão, Abdul Hamid. Vartek *efêndi*, o futuro deputado de Erzerum, tinha escondido na sua residência, durante a contrarrevolução, Khalil Bey, o mesmo que, mais tarde, irá ordenar o seu assassinato. E, amarga ironia do destino, se Dro considerava que a mulher não deveria pagar pelos pecados do marido, trinta anos mais tarde, em Omsk, Estaline mandará matar a mulher de Dro, junto com um dos seus filhos, pagando assim pelos atos do marido.

– Em Trebizonda, disse Misak Torlakian, centenas de mulheres, junto com os filhos delas e com os velhos que não conseguiam andar, foram embarcados em jangadas e levados para o alto-mar. As mulheres ficaram contentes, no meio de toda aquela desgraça, quando lhes disseram que iam fazer parte do caminho pelo mar, sendo assim poupadas de mais esforço. Mas, no dia seguinte, as jangadas voltaram vazias. As mulheres tinham sido afogadas no mar. O mesmo aconteceu em Unieh, Ordu, Trípoli, Kerasonda e Rize. Da minha aldeia, Ghiushana, nenhuma mulher chegou com as caravanas até Meskene, Rakka, Ras-ul-Ain ou Deir Ezzor, o que significa que morreram todas pelo caminho, à fome, de bala ou de faca.

– No vilaiete Kharput, disse Solomon Tehlirian, em junho, foram assassinados os notáveis, depois levaram os homens das cidades e das aldeias. As caravanas de deportados foram constituídas apenas de mulheres, crianças e velhos. Em Arabkir, as mulheres foram embarcadas em jangadas e,

logo depois, afogadas. As crianças armênias do orfanato alemão foram afogadas no lago das proximidades. As mulheres de Mesne, a caminho de Urfa, foram mortas pelo caminho, e os seus corpos foram atirados ao rio. No caminho entre Sivas e Kharput, os corpos das mulheres mutiladas e massacradas na margem oriental de Eufrates jazeram meses a fio à beira da estrada ou nas valetas. Eram demasiados para serem enterradas. Ainda se podiam ver seus esqueletos em meados de 1916. De quase duzentas mil almas, quantas tinham as caravanas de deportados, apenas um décimo chegou até Ras-ul-Ain e Deir Ezzor.

– As primeiras mulheres que chegaram a Meskene, Rakka e Deir Ezzor, disse Aram Yerkanian, foram os cadáveres que boiavam no Eufrates. Durante todo o mês de julho do ano 1915, o Eufrates esteve coberto de cadáveres inchados pela água, de cabeças, braços e pernas, tudo misturado. As águas do rio estavam encarnadas, parecia que tinha acabado de nascer a morte.

O círculo dos que deixavam o testemunho alargou-se.

– A presença de cadáveres no Eufrates é contínua, disse Roessler, o cônsul alemão de Aleppo. Os corpos são todos atados da mesma maneira, dois a dois e costas com costas. Isso mostra que não se trata de mortes acidentais, mas de um plano geral de extermínio, concebido pelas autoridades. Os cadáveres correm rio abaixo, cada vez mais numerosos. Principalmente, mulheres e crianças.

– Mais de seiscentos armênios, disse Holstein, o cônsul alemão de Mossul, sobretudo mulheres e crianças expulsos de Diarbekir, foram assassinados durante o transporte no rio Tigre. As jangadas chegaram ontem vazias em Mossul. Já há alguns dias, boiam no rio cadáveres e membros humanos. Outras caravanas vêm a caminho, e, provavelmente, lhes espera o mesmo destino.

– Pelo Aleppo, disse Guys, ex-cônsul de França, passam, desde o mês de maio, caravanas de milhares de pessoas. Após uma parada de dois ou três dias em lugares especialmente preparados para eles, estes infelizes, a maioria mulheres e crianças, recebem a ordem de se dirigirem para Idlib, Mana, Rakka, Deir Ezzor, Ras-ul-Ain, em direção aos desertos de Mesopotâmia, lugares destinados, como é convicção geral, a serem o túmulo deles.

– Milhares de viúvas, arménias do vilaiete Van, disse Jackson, o cônsul americano de Alepo, não acompanhadas por um único homem adulto, aproximam-se de Alepo num estado miserável e meio nuas. Estes, tal como os outros dez-vinte grupos que já passaram, são caravanas que chegam a ter entre quinhentos até três mil pessoas, arrastando consigo crianças que se encontram num estado de miséria indescritível.

E de novo Roessler:

– Sobre os arménios de Kharput, relatam que, numa aldeia situada a sul da cidade, os homens foram separados das mulheres. Os homens foram massacrados e abandonados de um lado e do outro da rua por onde as mulheres foram obrigadas a passar.

– Poderia pensar-se, disse Aram Andonian, o que tinha recolhido os depoimentos dos sobreviventes, que as centenas de crianças do orfanato de Deir Ezzor nunca existiram.

Só mais para o final, as autoridades pensaram ter encontrado a solução de um problema que até então parecia impossível de resolver: como matar sem ficarem atrás os corpos dos mortos? Não porque isso os fizesse sentirem de algum modo culpados, mas porque as centenas de milhares de corpos massacrados, com a pele negra agarrada aos ossos, flutuando nos rios ou jazendo no fundo das valetas, além de formarem um quadro que deprimia e preparava para a morte as próximas caravanas, impediam a livre circulação nas estradas e nos caminhos-de-ferro, amarelavam o ar e tornavam-no pesado pelo fedor da morte, incitavam os árabes a protestarem porque já não podiam utilizar a água de rio para beber, além de trazer pragas. Para afastar todo este tipo de estorvilhos, a matança das crianças de Deir Ezzor teria de ser o crime perfeito.

Os órfãos, procedentes de Meskene e das outras localidades onde estavam instalados campos de refugiados, foram encaminhados pelo deserto, para Deir Ezzor. Imaginem uma caravana com centenas de crianças desfiguradas, cobertas com trapos e cambaleando, descalças, sob o calor tórrido ou o frio cortante do deserto. Com os ombros cobertos de chagas sangrantes cheias de vermes, empurrados de trás pelos guardas a cavalo que lhes batiam com o chicote ou com o bastão. Os mortos ou agonizantes eram atirados para as carroças que acompanhavam as caravanas. O lugar onde

conseguiram chegar chama-se Abuhahar. Apenas trezentas crianças ainda se mantinham de pé, as outras, em maior número, eram levados nas carroças. Nas faldas das montanhas à margem do deserto, os soldados pararam a caravana, e as carroças foram descarregadas no campo. Os soldados cercaram o lugar, esperando o cair da noite. E, com o anoitecer, chegaram os pássaros do deserto. Atraídos pelo cheiro do sangue, depois uns pelo voar dos outros e, mais tarde, pela algazarra do crocitar e do estalar da carne arrancada dos ossos, as águias e os corvos, os abutres do deserto abateram-se sobre estes corpos que, ainda que vivos, já não tinham força para se defenderem. Os pássaros bicavam principalmente os olhos, as bochechas e os lábios, tanto mais apetecíveis, porque os corpos começavam a definhar. Durante dois dias, os pássaros desceram em bandos sobre aquele campo descarnado das faldas das montanhas, e as crianças foram abandonadas à mercê dos bicos e das garras negras e afiadas. A história contaram-na, horrorizados, os árabes nómadas. E aquele que comandou os soldados, o cabo Rahmeddin, foi promovido, chegando rapidamente a chefe de gendarmaria de Rakka.

Os outros órfãos, que jaziam doentes e esfomeados no orfanato de Deir Ezzor, foram carregados em carroças, num dia gelado de dezembro. Os moribundos foram atirados às águas do Eufrates; o rio, agitado como estava naquela altura do ano, engoliu rapidamente os corpos secos. Após uma caminhada de doze horas pelo deserto, sem nenhum tipo de comida ou água, o comandante da caravana, que sabemos que se chamava Abdullah, mas gostava que lhe chamassem Abdullah Paxá, encontrou três meios diferentes de exterminar as crianças. Mas, por sentir nos olhares dos soldados uma certa hesitação, pegou num rapazinho de dois anos e mostrou-o aos outros: «Até este miúdo, e outros e outros que vocês encontrarem da mesma idade, devem ser mortos sem piedade. Chegará um dia quando se levantará, irá procurar os que mataram os seus pais e buscará vingança. Este é o filho da mãe que algum dia nos vai procurar para nos matar!». E, girando-o umas poucas vezes no ar, atirou-o com raiva contra as pedras, esmagando-o antes mesmo de que começasse a gemer.

Muitas das carroças foram colocadas umas ao lado das outras, amontoando nelas quantas crianças conseguiam caber, e, no meio, puseram uma carroça cheia de explosivos que, uma vez detonados, despedaçou-as,

reduzindo-as literalmente em fuligem. Aqueles que já não conseguiam andar deitaram-nos no campo, espalharam por cima deles palhas secas embebidas em querosene e pegaram-lhes fogo. E as outras, que não couberam nas carroças, foram empurradas para as grutas, cujas entradas foram tapadas com lenhas e palha que incendiaram, para, assim, asfixiar as crianças e deixar os seus corpos arroxeados e carbonizados no fundo das grutas.

Mas nem o crime exemplar pode ser totalmente perfeito. Uma menina, chamada Ana, abrigou-se num recanto da gruta onde, devido a uma fenda na montanha, encontrou um resquício de ar. Assim, sobreviveu, e, quando os fogos se apagaram, após arderem durante todo o dia e toda a noite, saiu. Vagueou algumas semanas até Urfa, e lá encontrou uns arménios refugiados a quem contou sobre a matança dos inocentes.

E do terceiro círculo ouve-se a voz de Djemal Paxá, o ministro da Marinha, alarmado com o grande número de cadáveres que flutuavam no Eufrates. E depois indignado pelo facto de os trajetos das caravanas puderem perturbar a circulação nas linhas férreas. Então as autoridades turcas compreenderam que, por mais perfeito que fosse concebido o sistema de extermínio dos arménios, ele continuava a apresentar uma grande falha: atrás permaneciam os corpos dos mortos. Imperfeição que Reshid Paxá, o presidente da câmara de Diarbekir, procurou corrigir na medida do possível:

– O Eufrates tem muito pouco a ver com o nosso vilaiete. Os cadáveres que flutuam no rio devem ser provenientes dos vilaietes de Erzerum e Kharput. Os que morrem aqui são atiradas para o fundo das grutas ou, como acontece a maioria das vezes, são regados com querosene e queimados. Raramente encontra-se espaço suficiente para serem sepultados.

Voltemos ao primeiro círculo.

– Vocês não viram os lugares onde se reuniam as caravanas, disse Hraci Papazian ou, mais exatamente, o que havia sobrado deles. Em Deir Ezzor. Milhares de tendas em frangalhos. Mulheres e crianças nuas, tão enfraquecidas pela fome que o estômago delas já não aceitava a comida. Os coveiros atiravam nas carroças, juntos, mortos e moribundos, para não perderem tempo. De noite, por causa do frio, os ainda vivos colocavam os mortos por cima, para se aquecerem. Para as mães, o melhor que lhes podia acontecer era que aparecesse algum beduíno e lhes arrancasse a criança para

livrá-la daquela sepultura gigantesca. A disenteria tornava o ar irrespirável. Os cães remexiam com o focinho nas barrigas abertas dos mortos. Só em outubro de 1915, por Ras-ul-Ain, passaram mais de quarenta mil mulheres, guardadas por soldados, sem um único homem saudável com elas. A cruzada das mulheres martirizadas. Ao longo da linha férrea, todo o caminho estava salpicado com cadáveres abertos das mulheres violadas.

– De um milhão oitocentos e cinquenta mil armênios que viviam no Império Otomano, disse o pastor Johannes Lepsius, cerca de um milhão e quatrocentos mil foram deportados. Dos quatrocentos e cinquenta mil restantes, aproximadamente duzentos mil foram poupados da deportação, principalmente a população de Constantinopla, Esmirna e Alepo. O avanço das tropas russas salvou a vida aos outros duzentos e cinquenta mil que se refugiaram na Armênia russa, parte deles morrendo de tifo ou à fome. Os outros conservaram a vida, mas perderam para sempre a sua terra natal. Dos quase um milhão e meio de armênios deportados, apenas um décimo chegaram a Deir Ezzor, o ponto terminal das caravanas. Em agosto de 1916, foram enviados a Mossul, mas haveriam de morrer no deserto, engolidos pela areia ou amontoados em grutas onde, mortos e moribundos todos juntos, foram queimados.

Calaram-se. Os círculos restringiram-se à volta de Armen Garo. Ele olhou para Shahan Natali, para Shavarsh Misakian, e depois para todos os outros. Pegou nas fotografias e entregou-as aos sentados no primeiro círculo, a cada um conforme a sua missão.

– Ainda assim, repetiu cansado, não matem as mulheres e as crianças.

OITO

Entre tantas personagens reais, alguns nomes podem ser encontrados também nos livros de história; outras, apenas no *Livro dos Sussurros*. *Livro* que, apesar de falar a maior parte do tempo sobre o passado, não é um livro de história, porque os livros de história falam, sobretudo, dos vencedores; é antes uma coletânea de salmos, porque fala principalmente sobre os vencidos. E, entre as personagens dos livros, encontra-se também uma que nunca existiu e que, apesar disso, ou talvez por isso mesmo, tem até um nome: chama-se Yusuf. Este Yusuf não passa de um nome tomado emprestado; existe no *Livro dos Sussurros* apenas porque, apesar de não fazer parte da estrutura do *Livro*, não deixa de ser a chave que abre a porta da sala onde mais lágrimas se derramaram neste século fronteiro, com paredes despidas, arranhadas com as unhas, o soalho rebentado e com a terra escavada amontoada, não aplanada, como deveria ser, assim como acontece com as sepulturas feitas à pressa. E as mais apressadas das sepulturas são as valas comuns.

Os vivos e os mortos pertencem à terra e ao céu. Apenas os moribundos pertencem por completo à morte. Ela passeia entre eles, quase com ternura; ser moribundo é um estado que a morte trata de não cortar tão depressa. É a sua aveia fresca. O estado de moribundo é uma iniciação para a morte. De Mamura até Deir Ezzor, numa distância de mais de trezentos quilómetros, um povo inteiro percorreu os sete círculos, ou seja, o caminho de iniciação para a morte. Ao fim da qual, Sahag Sheitanian encontrou-se com Yusuf.

MAMURA. O PRIMEIRO CÍRCULO. O caminho se estendia paralelamente à linha férrea. A entrada, no primeiro círculo, das caravanas que tinham juntado os arménios dos mais diversos lugares, da Anatólia europeia, Esmirna, Izmit ou Adrianópolis, ou dos vilaietes da Anatólia oriental, de Trebizonda, Erzerum ou Kharput, fazia-se a pé. Vistos ao longe, da maneira como pisavam, amontoados uns nos outros e cabisbaixos, pareciam uns peregrinos. Só que os peregrinos são movidos pela fé, e não por soldados que os tangerem por trás com os focinhos dos cavalos, ou que os obrigam, com chicotadas, a reintegrarem os grupos dos quais se tinham afastado. A família

de Sahag Sheitanian era composta por cinco pessoas: a avó, os pais, ele e uma irmã mais nova. Os outros dois filhos mais velhos, Simon e Haigui, tinham sido enviados, às escondidas, para Constantinopla. A sua mãe, Hermine, era uma mulher corajosa. Ainda se mantinha bem em pé, rodeava os filhos com os braços e mantinha o caminho reto, no meio do comboio, para protegê-los dos cascos dos cavalos, e para evitar que vissem os cadáveres devorados pelos corvos, à beira da estrada. Tinham algum dinheiro; Rupen, o pai, guardava-o debaixo da camisa. Com parte dele conseguiram pagar uma espécie de bilhetes, isto é, compraram a boa vontade do chefe da estação de Izmit, e entraram num comboio com o qual atravessaram a linha Eschiser-Konya-Bizanti-Adana, a meio caminho de Mamura, onde o comboio parou, por ordem do exército que tinha bloqueado a linha férrea. Mas a parada do comboio, embora o resto do trajeto devesse ser feito por caminhos estreitos e rochosos ou planícies, sob um calor tórrido, e seria esgotante, salvou-lhes a vida, porque os vagões de animais onde foram amontoados eram demasiado pequenos, a comida estava a acabar, e água ninguém lhes tinha dado. Os mortos que ainda estavam nos vagões eram os que tinham acabado de morrer, porque todos os que tinham morrido no caminho já tinham sido atirados dos vagões ao longo das terraplanagens.

Foram, assim, duplamente afortunados. Primeiro, porque não tiveram de andar a pé centenas de quilómetros, e, segundo, porque foram mandados sair dos comboios quando estavam a um passo de morrerem todos sufocados. Mas a maioria deles, principalmente os que vinham dos vilaietes ocidentais, não tiveram a mesma sorte. Aqueles fizeram todo o caminho a pé; alguns, os mais abastados, conseguiram arranjar carroças e mulas. Devido ao cansaço, ao frio, à fome, às pilhagens e às chacinas do quase um milhão e meio de deportados, meio milhão morreu antes de alcançar a margem do primeiro círculo. A estes, juntam-se aqueles que ainda assim chegaram, não pelos próprios pés mas levados pelas águas do Tigre e do Eufrates.

De vez em quando, grupos dispersos aproximavam-se da linha férrea, mas eram logo enxotados de volta ao acampamento. Mas, por fim, os soldados deixaram de ameaçá-los, permitindo que cuidassem das suas coisas. Porque, desta vez, aqueles que andavam de tenda em tenda ajudavam aos de dentro das tendas a carregarem os seus mortos. E, para não deixarem os mortos

completamente sós, colocavam-nos um ao lado do outro, depois, quando se multiplicaram em demasia, um em cima do outro, de tal modo que a morte formava montículos que rodeavam o acampamento como umas torrezinhas de vigilância. Os animais bufavam de fome e pelo cheiro a morte. Eram, sobretudo, mulas, atreladas às carroças ou carregando fardos nas selas, que mostraram ser mais resistentes, os cavalos tinham morrido ou de sede ou com os tornozelos partidos nos caminhos estreitos da montanha. Os cães mantinham-se à parte; sentiam no olhar das pessoas a mesma fome e perseguição, esperavam pacientes, junto com os bandos de corvos, o cair da noite.

Dormiam apertados uns nos outros para se aquecerem. De dia, despiam-se e penduravam as roupas atadas por cima da tenda. Tinham feito um acordo com dois jovens, recém-casados, de Konya, para dividirem a carroça deles; os homens empurravam-na por trás, à vez, para ajudar a mula. Uma mulher ofereceu-se a coser-lhes os lençóis para resistirem melhor ao vento. Estava com o noivo dela, iam se casar mas os convidados morreram pelo caminho.

A mãe de Sahag tinha duas panelas onde recolhia a água da chuva. Quando a água estava a ponto de acabar, limpavam os lábios com os panos que estendiam durante a noite para humedecerem com o orvalho.

Quando a multidão de tendas era demasiado extensa e ameaçava transbordar a linha férrea, e quando o número de cadáveres era tão elevado que o ar engrossava com o cheiro a morte, os soldados irrompiam a cavalo entre as tendas e açoitavam milhares de pessoas outra vez a caminho. As tendas desmoronavam-se debaixo dos cascos dos cavalos, as pessoas eram empurradas à base de chicotadas para a margem do acampamento. Quando não conseguiam arrumar as tralhas ou desmontar as tendas, os soldados apressavam-nos ateando fogo aos telhados feitos de trapos secos.

Chegou a vez deles no fim de outubro. Até a próxima parada havia mais ou menos cinco horas de caminhada para uma pessoa normal, mas eles precisaram de quase dois dias.

ISLAHIYE. O SEGUNDO CÍRCULO. O caminho passava pelas montanhas Amanus, nos picos, depois descia para Islahiye, na margem de um rio. Quando atingiram o segundo círculo, chegou também a primeira nevada.

Muitos vestiam trapos desbastados, e apenas o pó embebido em suor engrossava um pouco a roupa, aquecendo-os. Deixaram o cobertor na mula e taparam-se, todo o caminho, com os lençóis. Abandonaram a carroça, que não cabia nos estreitos trilhos, e os homens carregaram nas costas algumas coisas, o que puderam. Quando aqueceu um pouco, rasgaram um lençol em faixas e ataram-se um a outro, para não escorregar naqueles vales abruptos. Era um caminho limpo, de montanha, e assim permanecia também depois da passagem da caravana, porque os que caíam, impotentes, eram empurrados a pauladas para o precipício. A velha foi levada na mula, o que a ajudou a suportar o caminho, ao contrário de muitos outros que sucumbiram ao cansaço ou, moribundos, caíram, batendo nas rochas. Quando chegaram ao Prado, o comboio foi recebido por um bando de algumas dezenas de curdos armados. Como a um comando, os soldados pararam e deixaram a caravana avançar indefesa. As pessoas pararam, olhando assustadas para os homens montados nos cavalos que se lançaram contra eles, agitando no ar as espingardas e as espadas. O Prado era estreito, atrás havia as montanhas, de um lado e do outro, os vales abruptos e, em frente, os cavaleiros. Uma cena que já conhecemos de centenas de relatos. Caravanas abandonadas, indefesas, na maioria mulheres e crianças, espalhando-se pelo campo, num verdadeiro salve-se quem puder, sem saber que, justamente quando alguém consegue sair da multidão, torna-se uma presa mais fácil para os cavaleiros dedicados às pilhagens e massacres, sejam eles criminosos libertados propositadamente das prisões turcas e armados, sejam curdos, chechenos ou beduínos. Raramente apareciam por acaso, a maioria das vezes eram informados sobre a data e o itinerário das caravanas, e os soldados eram instruídos a afastarem-se para deixarem os outros fazer o trabalho deles. Uma vez só para os saquear e para lhes tirar as mulheres jovens, outras vezes, o que era mais frequente, para exterminá-los. Não existia nenhuma regra; a pessoa podia ser morta por levar dinheiro e joias, bem como por não ter nada para lhes dar. O mais acertado era se agachar ou se deitar fingindo estar morta. Se tivesse a sorte de não ser pisoteada pelos cavalos, podia escapar até que, de tanto cavalgar atrás dos alvos em movimento, os bandidos se cansavam, ou caía o crepúsculo, e então eles se afastavam gritando e atando com cordas nas selas as mulheres roubadas, que não paravam de espernear. Atrás ficava um campo

salpicado de cadáveres, de onde os ainda vivos se levantavam com dificuldade, confusos.

O noivo da mulher com quem tinham travado amizade foi também morto. Levava pendurado ao pescoço um fio sem valor, mas brilhante. Um dos bandidos quis o fio e resolveu decapitá-lo. Foram obrigados a abandoná-lo ali, presa dos animais.

Carregando os feridos, só conseguiram chegar de madrugada ao campo de Islahiye. Na entrada do acampamento havia, de um lado e do outro, dois montes de cadáveres, principalmente de crianças. Montaram as tendas. A comida estava a acabar. De manhã, os soldados a cavalo atravessavam o campo, atirando aleatoriamente pão por cima das tendas. As pessoas atropelavam-se, agarrando várias o mesmo pedaço e lutando por ele. Já perto do almoço, o acampamento acalmava, as pessoas rastejavam debaixo das tendas, vigiando os que estavam a morrer.

Os soldados mantinham-se à parte, porque o cheiro pesado da morte não era adocicado, mas sim acutilante, agoiando a chegada da disenteria. O comandante do campo chamou os homens que ainda tinham algum vigor e ordenou-lhes arrumar os cadáveres. Como a fome e a disenteria fizeram só no campo de Islahiye, naqueles meses de outono, mais de sessenta mil mortos, o comandante ordenou que os cadáveres fossem deixados à beira do acampamento dois ou três dias, antes de serem enterrados. Ao vento, os mortos secavam e mirravam, ocupando menos espaço; assim, as valas comuns tornavam-se mais espaçosas.

Depois aproximaram as tendas para impedirem que os bandidos, principalmente os beduínos das aldeias próximas, tivessem espaço para passar entre elas. Não tinham medo uns dos outros, porque nenhum dos deportados ia roubar dinheiro ou ouro, porque não lhes servia de nada. E aquilo que ainda poderia ser tentador – farinha, açúcar ou carne seca –, já tinha acabado há muito tempo. Os animais procuravam perto dos muros ou nos terraplenos um resto de relva. Os atacados por dentro pela disenteria jaziam dobrados, esperando a morte. Os outros mastigavam longamente os pedaços de pão esfarelado, atirados dos cavalos a galope.

Aconteceu algo milagroso e atroz ao mesmo tempo: veio a neve. Apressaram-se a sair das tendas com as palmas das mãos esticadas; ainda

havia suficiente vida neles para que os flocos de neve se derretessem nas mãos em concha e, depois, lambessem as gotas dos dedos. Mais tarde, quando viram que a queda de neve aumentava, esperaram até ela cobrir o solo e lambeiram-na do chão, junto com os cães e as mulas. Sahag saciou-se mais que os outros, ao observar que a neve engrossava e persistia nas testas dos mortos, mais frios até que a terra.

Mas, com a nevada, veio um frio terrível que gelou a terra, transformou os lençóis que serviam de tendas em pregas cortantes, limpou o ar, acabou com o enxame de todo tipo de bichos, e os miasmas caíram como o orvalho na terra. As pessoas aproximaram-se umas das outras, juntando-se de várias tendas debaixo da mais espaçosa, e no lugar onde alguém conseguia acender o lume, derretendo alguns gravetos gelados, apinhavam-se, ainda que apenas conseguissem ver ao longe a chama moribunda.

Os que se encontravam à beira da morte estavam tão esqueléticos de fome e queimados de frio que, ao arrastarem-nos entre as tendas pelas mãos ou pelos pés, os braços ou os tornozelos partiam-se, estalando, como se fossem galhos secos. Quando a neve derreteu, recomeçou a formação das caravanas. Os céus umedeceram e desabou a chuva. Os caminhos tornaram-se um lamaçal. Enfaixaram os pés com tiras de lençol, porque senão os pés descalços grudavam-se à terra, e as pessoas já não tinham forças para arrancá-los da lama. Debaixo da chuva miudinha que derretia qualquer contorno, a nova caminhada durou quase uma semana. Não era possível contar os mortos porque, neste caminho nebuloso, onde ninguém via mais do que o vapor azulado da própria respiração, a carne dos que caíam, molhada pela chuva, era tão mole e pegajosa como o lodo argiloso. Eram pisados pelos que vinham de trás, e a carne deles se misturava, como uma massa negra, tapada pela lama da estrada. A chuva não cessou nem quando chegaram.

BAB. O TERCEIRO CÍRCULO. O campo de tendas pretas estendia-se por uma faixa a apenas alguns quilómetros da localidade, precisamente para evitar o acesso dos deportados à cidade. Devido ao solo argiloso, a água misturada com a neve em poças, transformou tudo em lama.

Não conseguiram contar seus mortos que ficaram pelo caminho, porque mal podiam lidar com os que morriam agora, no interior do campo de

deportados. Os homens, tantos quanto sobraram, organizaram-se em dois grupos. Um deles tratava de carregar os mortos para fora do acampamento e de cavar valas comuns. Era mais difícil carregar os mortos no terceiro círculo, pois ao estarem secos como a terra rachada e com os ossos leves pelo frio, chupavam a água e inchavam, e as veias ensopadas rebentavam, avermelhando os corpos qual carne crua. Inchados e difíceis de dobrar, ocupavam mais espaço, e as valas, além de a terra estar toda pegajosa, tinham que ser maiores.

O segundo grupo de homens percorria os campos, aproximando-se da cidade, mas só até à lixeira e à borda dos bairros pobres, à procura de alimento, constituído, a maior parte das vezes, por animais mortos. Uns, um pouco mais ágeis, atiravam pedras aos corvos e caçavam os cães que cercavam o acampamento e que, ao cair da noite, remexiam as valas tapadas à pressa à procura de carne ainda não putrefata.

Assim rebentou a epidemia de tifo. Primeiro, ela atacou as crianças. Cobriu-lhes os rostos de manchas vermelhas que, devido à miséria, rapidamente se transformavam em chagas sangrantes, onde o sangue e o suor da febre misturavam-se. Depois passou para as mães delas, que não podiam conter o ímpeto de apertar ao peito os filhos que tiritavam de febre. Apenas o gelo do inverno impediu que a epidemia se alastrasse a todos. Mas o mesmo frio fez com que os que adoeciam não tivessem escapatória possível. Com o medo da doença, os soldados permaneciam a uma certa distância, e raras vezes se aventuravam entre as tendas, sem descer dos cavalos, só para atirarem algum pão, a toda a pressa. Ninguém se preocupava em limpá-lo da lama; os sortudos que apanhavam um pedaço de pão corriam para dividi-lo com os da sua tenda ou, então, agachavam-se com a cabeça enfiada no peito, segurando-o e devorando-o sem mastigar sequer, não fosse alguém a vê-los e deixá-los sem nada.

De vez em quando, principalmente as mulheres que enlouqueciam de pena pelos seus filhos moribundos aventuravam-se até as imediações da cidade para pedir comida ou para procurar um abrigo mais seguro e uma cama lavada. Eram repelidas com pedras ou pauladas, isso quando não eram logo mortas a tiro.

MESKENE. O QUARTO CÍRCULO. Para não se aproximarem de Aleppo, onde existia de novo o risco das epidemias, ante a hostilidade crescente da população local, e por ordem expressa de Djemal Paxá, para que os deportados e as caravanas deles fossem mantidos à distância da linha férrea, a caravana teve que contornar o caminho mais acessível, por Aleppo e Sebil, e atravessou lugares mais agrestes, por Tefridge e Lale. Uma pessoa em pleno vigor físico poderia percorrer o caminho de Bab até Meskene em dois dias, isto se contarmos que poderia gozar de um sono reparador num caravançaraí de Lale, comer até se fartar e dispor de odres com água, carregados por mulas. As colunas saídas de Bab fizeram o mesmo caminho em, no mínimo, dez dias, quando não em duas semanas. A coluna partiu compacta, mas, depois, à medida do cansaço, estendeu-se por quase um quilómetro. Os soldados contentavam-se em empurra-los, desistindo de apressá-los; os que levavam chicotadas ou pauladas, em vez de acelerar, caíam de joelhos. Estes, ao ser interpretada a queda como um sinal de protesto, eram mortos com cacetadas na cabeça, para economizar as balas. Caíam inconscientes na neve, o que era equivalente à morte. Depois desistiram, deixando-os avançar ao ritmo deles. Os mais esgotados andavam cada vez mais devagar ficando para trás da caravana, custava-lhes cada vez mais tirarem os pés da neve até que, por fim, ficavam estáticos, plantados na neve com as pernas demasiado geladas para dobrarem os joelhos. Morriam de pé, com os braços caídos, à mercê do vento, como árvores negras e secas. As carroças enviadas pelo governador de Aleppo, preocupado com o elevado número de mortos que, abandonados pelo caminho poderiam espalhar a epidemia para a cidade, encontravam-nos às vezes, passados dias, ainda em pé, com os braços gelados, que o vento fazia estalar. No início, os coveiros assustaram-se. Depois, limitaram-se a arrancá-los da neve como se fossem uns troncos com raízes podres, achando que a terra já devia estar farta de tantos mortos e deixara que estes morressem em pé.

Dormiam nos caravançaraís abandonados, onde às vezes ficavam dois dias seguidos, para recuperarem um pouco as forças. De Aleppo, junto com as carroças para os mortos, chegaram também alguns sacos de *bulghur*, uma espécie de trigo decorticado, que foi repartido tanto quanto cabia nas duas mãos juntas em concha. Em Tefridge, e depois em Lale, viram ao longe um monte de pavilhões, montadas nos postes, com telhado de chapa, algumas

tendo até uns abrigos em tijolo, e alegraram-se ao pensar que podiam proteger-se de frio. Mas só lhes foi permitido aproximarem-se até a umas dezenas de metros. Para que o caminho para Meskene não fosse salpicado com mortos, as autoridades decidiram levantar essas barracas, no vilaiete de Aleppo, onde juntariam os moribundos das caravanas. Eles já não recebiam nenhum tipo de cuidados; deitavam de quinze a vinte em cada pavilhão e abandonavam-nos à morte. O estado a que tinham chegado era tão lamentável, que já nem tinham forças sequer para se virarem para o outro lado ou para se defenderem dos enxames de insetos. Morriam na mesma posição em que eram colocados, muitas vezes de olhos abertos, porque as pálpebras estavam demasiado abatidas e secas para se fecharem por cima do branco dos olhos. Por isso, estes acampamentos eram vigiados apenas por alguns guardas sem pistolas, mas armados com paus e pedras contra os cães, as hienas e os corvos, e mesmo assim sem muito empenho.

Em Meskene, na fronteira do quarto círculo, as caravanas reencontravam o Eufrates, a sepultura movediça de milhares de deportados. No meandro do rio, depois de Meskene, juntavam-se os cadáveres vindo do norte, que as águas ainda não tinham engolido nem os peixes tinham devorado. Os corpos eram trazidos à margem com arpões. Dado que a terra estava congelada, e havia demasiados corpos para enterrar, regaram-nos com querosene e ateavam fogo. A fumaça preta podia ser vista do acampamento de Meskene, por isso os deportados sabiam por que a fumaça era tão espessa, por que a pira era tão húmida que o lume só ardia abafado, e sabiam o que flutuava no rio, mas, ainda assim, aproximaram-se da margem, ajoelharam-se e beberam com avidez da água que tinha gosto de água sanitária.

DIPSI. O QUINTO CÍRCULO. Normalmente, de Meskene até a Dipsi eram cinco horas de caminho. A caravana precisou de mais de dois dias. Pela primeira vez, os passos encontraram as terras arenosas, sinal que se aproximavam do deserto.

As carroças que recolhiam os mortos e os moribundos já não os acompanharam. De vez em quando, os coveiros, que retiravam os cadáveres, esperavam que os ventos remexessem a areia e tapassem os montes de corpos nus e enegrecidos. Contudo, os dois dias de caminhada até que foram

calmos. O céu tinha aberto, e os ventos tinham sossegado. Os cadáveres jaziam à beira da estrada, em grande parte já devorados pelos animais. Entre eles, moribundos, mulheres e homens esgotados pelo cansaço, fome ou sede, crianças que não entendiam o que se passava e que esperavam a morte, escorados nas pedras ou nos troncos secos. Este empenho em permanecerem sentados era o último esforço de lutar contra a morte; caso contrário, deitados à beira da estrada, a areia iria tapá-los e asfixiá-los.

O acampamento, formado por alguns milhares de tendas, estava situado num vale da margem direita do Eufrates. Os que o tinham disposto assim pensaram que, ao estar cercado de colinas, seria mais difícil que os cheiros fétidos da morte, do tifo e da disenteria se espalhassem. O caminho era mais curto entre Meskene e Dipsi do que entre Bab e Meskene; por isso, o governador de Alepo deixou de organizar, nas paradas intermédias, asilos para moribundos, que, eufemisticamente, batizou de *Hastahane*, ou seja, hospital. Porém, tendo em conta o estado de degradação em que chegavam as caravanas, depois dos dois dias de estrada arenosa e trilhas estreitas de montanha, todo o acampamento de Dipsi chamava-se *Hastahane*. E merecia este nome, visto que, nos poucos meses em que funcionou como campo de concentração, morreram aí mais de trinta mil pessoas.

O dito hospital carecia por completo de medicamentos e não tinha outra assistência além daquela oferecida pelos médicos arménios, de entre os deportados que tinham sobrevivido, e que nada mais podiam fazer a não ser diagnosticar a doença, quando ela não era evidente, e calcular o tempo de vida que restava ao doente. O campo de concentração de Dipsi foi um dos degraus mais fundos na iniciação para a morte, não tanto pelo enorme número dos que deram aí o último suspiro, mas, principalmente, pelo número muito maior dos que, contaminando-se, haviam de morrer mais à frente, no caminho para Deir Ezzor, o lugar onde caiu a sétima vestimenta da morte.

Corria o mês de março. As chuvas tinham acabado. De vez em quando, ao anoitecer ou de madrugada, formava-se uma cortina de nuvens. A primavera chegaria despercebida para os deportados, que olhavam cada vez menos à sua volta e, mesmo quando olhavam, era com medo, atraídos pelo trote dos cavalos ou pelos mosquetes e chicotes dos beduínos. Por isso, olhavam quase sempre para baixo. E foi assim que descobriram a primavera.

Em Abuhahar, Hamam, Sebka e Deir Ezzor, onde as árvores eram cada vez mais raras, a primavera chegava de surpresa, quando nasciam tufo de erva, com folhas finas e compridas. No início, não sabiam como comê-las; as gengivas sangravam, feridas pelas bordas cortantes, e engasgavam-se com as folhas fibrosas. Depois, os mais habilidosos e pacientes ensinaram, aos demais, a arte de comer erva. Era preciso esmagar as folhas na palma da mão até formar uma bola; depois, colocar um pouco de sal por cima para humedecê-la. Não se devia mastigar de uma vez, mas sim empapá-la com saliva – a que fosse possível encontrar numa boca seca –, e permanecer assim alguns minutos, até que a boca esfomeada a transformasse numa espécie de pasta, como num ensopado. Quando já não se achava mais erva, Rupen arrancava as raízes e as lavava na água do Eufrates. Cortava-as em pedacinhos e, amolecidas na água, podiam ser comidas passadas algumas horas.

Mas, sem deixarem transparecer nada, os deportados escreviam para eles próprios. Os manuscritos que permaneceram no espaço dos sete círculos da morte foram escritos nos caminhos da deportação, onde quer que houvesse um pedaço de madeira, um marco de quilometragem no acostamento, um tronco com casca mole, uma parede. Por muito tempo, até que a chuva as lavou e o vento as apagou, permaneceram escritas ou gravadas na madeira e na pedra palavras e letras arménias. Quem passava deixava avisos aos que vinham a seguir. E estes, por sua vez, se ainda houvesse espaço, adicionavam as suas próprias palavras. Nos campos de deportados circulavam folhas de papel que passavam de uns para os outros. Não eram assinadas, com medo das represálias, e também não eram datadas. Não era necessário. A realidade, com exceção da neve, que se transformava em lama, e do lodo, que virava poeira errante, era imutável.

As notícias descreviam a realidade de cada círculo da morte.

RAKKA. O SEXTO CÍRCULO. A marcha durou mais de uma semana. De dia, o calor era abrasador, mas as noites continuavam demasiado frias. As pessoas andavam cada vez mais devagar, vacilando. Para estas caravanas desnordeadas, indiferentes aos empurrões e chicotadas dos vigilantes a cavalo, ao menos já não havia o perigo de serem atacadas por bandos armados,

porque nada restava para ser roubado. Só nas paradas, os árabes aproximavam-se para comprar raparigas em troca de saquinhos de trigo. A caravana seguia a margem direita do rio e chegou, finalmente, a Sebka, o campo de concentração da margem oposta de Rakka, de onde a cidade era vista como uma terra milagrosa e proibida. A água do Eufrates conseguia aplacar a sede dos deportados. Mas havia cada vez menos possibilidades de conseguir algo para comer. De vez em quando, os gendarmes distribuía, atirando dos cavalos, sacos com comida, enviados pelos consulados estrangeiros ou pelas fundações cristãs. Atirados à multidão, grande parte da comida era desperdiçada. As pessoas puxavam os sacos de farinha ou de açúcar, que se esparramavam ao serem rasgados com as unhas. Outras ajudas, como, por exemplo, grão-de-bico ou arroz, não se podiam comer por falta de dentes. As pessoas engoliam sem mastigar, mas o estômago não conseguia digeri-los, quer por já não estar acostumado, ou porque, devido à disenteria, já não dava tempo. Rupen já não andava à caça; os cães eram cada vez mais raros, e os lobos andavam em alcateia. Não foram poucos os casos em que se atiraram sobre os que remexiam nas lixeiras e os devoraram. Ele ia junto com os outros para retirar os mortos. Participava nas cavações das valas comuns; um serviço mais leve, visto que já não havia necessidade de enfiar com tanta força a enxada na terra dura ou lamacenta: bastava remover a areia com a pá, como se mudassem as dunas de um lado para o outro. Contudo, era uma operação difícil, tendo em conta que agora deviam cavar valas bem mais profundas, caso contrário o vento levantaria os túmulos que cobriam as sepulturas, deixando os mortos descobertos.

À cabeceira das valas comuns ninguém rezou. Nelas foram enterrados principalmente os mortos recentes. Das caravanas levadas para lugares isolados e fáceis de cercar, para serem massacradas, e dos campos de concentração até a morte por fuzilamento, inanição, imersão em água gelada ou queimando vivos os moribundos, todos os métodos utilizados para exterminar os arménios nos caminhos da Anatólia, desde Constantinopla até Deir Ezzor e Mossul, foram utilizados mais tarde pelos nazis contra os judeus. Só que, nos campos de concentração nazis, as vítimas eram contadas, e essa macabra numeração intensificou o horror dos crimes perpetrados contra o povo judeu. Não que os mortos resultantes das ações de extermínio contra o povo

arménio tenham sido em maior número – se é que se pode fazer este tipo de comparação em se tratando de crimes dessa magnitude –; simplesmente, foram inumeráveis. Os nomes que conhecemos são principalmente os dos carrascos, governadores, comandantes de campos de concentração, paxás, beis, agás e sargentos. As vítimas raramente têm nome. Nunca a morte, despojando-se das suas vestes, círculo após círculo, esteve mais perto de sua essência; nunca a morte careceu tanto de nomes.

Ainda não se inventaram tradições quanto ao modo de organizar uma vala comum. De que modo se deve cavar a fossa, como se devem colocar os mortos, se mais abaixo os homens, no meio as mulheres e em cima as crianças, como são lavados, como devem ser vestidos, que tipo de orações deve rezar o padre e de que descanso no outro reino deve falar, que tipo de cruz se coloca, quantos braços deverá ter essa cruz, e o que se escreve nela. Nada disso é sabido. Cada vala comum tem as suas regras, e a única característica que todas essas valas têm em comum é a pressa com a qual foram feitas. O que afasta a ideia de tradições seculares, porque não existe uma tradição da pressa.

Os túmulos recebem um nome e são ornamentados, para que não sejam esquecidos os que ali estão enterrados. As valas comuns foram feitas para que os mortos atirados nelas fossem esquecidos o mais depressa possível. As valas comuns são a parte mais culpada da História.

Desta essência da morte sem nome, desenhamos sete círculos, com o centro em Deir Ezzor. No espaço abrangido por eles, cuja circunferência mais larga passa por Mamura, Diarbekir e Mossul, morreram, naqueles tempos, mais de um milhão de pessoas, cerca de dois terços de todos os mortos no genocídio arménio. Sabemos que eles estiveram lá e que, dos que entraram nos círculos da morte, dos que não foram islamizados, vendidos como escravos ou oferecidos para haréns, quase ninguém escapou. Qualquer um podia morrer em qualquer parte. Não existe família de arménios neste mundo que não tenha alguém desaparecido, como num remoinho, nos círculos da morte. Assim, as pessoas podem rezar à beira de qualquer vala comum pensando que ali se encontra alguém que pertenceu à sua família.

Rupen sabia que estava a fazer uma boa ação. A morte era um refúgio para a situação humilhante dos vivos, e as valas comuns eram um refúgio para

a situação constrangedora dos mortos. Mas havia outra razão pela qual Krikor Ankut, junto com os homens que ainda tinham forças, decidiram apressar a retirada dos mortos das tendas e a cavação das valas comuns. Uns dias antes, tinham retirado, de uma tenda onde vivia uma família numerosa, um morto sem rosto. Observaram longamente o cadáver com o rosto comido, como se fosse mordido por ratazanas. Mas no acampamento não havia tocas, portanto não existiam ratazanas. Todos compreenderam, mas não abriram a boca, nem precisaram fazer nenhum pacto de silêncio, considerando que ninguém poderia contar algo tão atroz. Quando os sinais deste tipo se multiplicaram, os homens decidiram pesquisar por conta própria, de manhã e à noite, para que nenhum cadáver permanecesse demasiado tempo na tenda.

Enquanto os deportados estavam cada vez mais esgotados, após meses de cansaço e fome, os soldados estavam cada vez mais descansados, porque os deportados eram cada vez mais fáceis de vigiar, e as paradas cada vez mais frequentes. E o que contrastava ainda mais era que, enquanto os deportados andavam cada vez mais maltrapilhos os seus cavalos, mais enfeitados.

Este poder de se organizarem, tão insólito para um campo de concentração com homens esfarrapados e quase moribundos, podia ser tolerado em Sebka, onde havia apenas alguns milhares de tendas, mas poderia tornar-se perigoso em Deir Ezzor, no âmago do sétimo círculo, onde os deportados podiam ser contados por dezenas de milhares.

Por isso, certa manhã, o comandante mandou avisar que todos os homens entre quinze e sessenta anos deviam reunir-se no extremo do campo. Seriam enviados a trabalhar nas terraplenagens. E receberiam, com certeza, comida e água potável. Eles saíram das tendas, e alguns acreditaram que, se estavam a ser enviados para trabalhar, significava que precisavam deles e, em consequência, seriam poupados. Outros saíram desconfiados e, mesmo assim, só depois de os soldados ameaçarem entrar a cavalo, pelas tendas adentro, à procura deles. Outros, como Rupen, juntaram-se indiferentes. Desde que se tinha tornado caçador de anjos, sem se preocupar muito com a cor deles, mas sim com a carne fibrosa debaixo das penas, Rupen se tinha esvaziado por dentro; vivia apenas para proteger os filhos. Precisamente por isso, quando Sahag se apressou a segui-lo, pensando que com os seus catorze anos

poderia ser admitido nas filas dos homens, Rupen o deteve e mandou-lhe um par de bofetadas que deixaram o rapaz atordoado, mas tiveram o dom de acalmá-lo.

Alguns teimaram em permanecer escondidos. Tal como o marido da mulher da tenda contígua, de quem eram amigos. Juntos formavam um só, e precisamente por isso, cada um deles, o marido e a mulher, podia tomar o aspeto do outro. Espigada, quase sem busto e estreita de quadris, a mulher, vestida com roupas de homem, no alinhamento das caravanas, não atraía a atenção dos soldados e conseguia esconder-se dos caçadores de mulheres. O marido, magrinho e lampinho, com cabelo comprido pela selvageria, vestiu-se de mulher, esperando com o coração na mão a inspeção das tendas. Mas isso não aconteceu. Quando os homens foram enfileirados e contados, consideraram que quinhentos era um número satisfatório, e deram a ordem de saída.

Seja como for, a parte masculina estava desfalcada nas caravanas. Durante o deslocamento para Deir Ezzor, os homens foram os alvos prediletos dos ataques guerreiros. Nalguns lugares, para não haver margem de erro, as caravanas eram separadas desde o princípio em homens e mulheres; os homens eram assassinados pelo caminho, nas emboscadas dos bandos de guerreiros ou, diretamente, pelos soldados que deveriam protegê-los. Assim, a maior parte das colunas era formada por mulheres, crianças e velhos; estes vieram a morrer quase todos, dada sua incapacidade de manter o mesmo ritmo dos outros, até Sebka. Algumas caravanas, principalmente as que vinham do poente, tinham feito até aí mais de mil quilômetros.

O par de bofetadas mandado não com fúria, mas com desespero, foi a última lembrança que Sahag guardou do pai, Ruben Sheitanian. Os homens foram levados em direção ao sul, para o deserto da Síria, e fuzilados. E a morte regressou vitoriosa, estendendo-se, como uma seda verde, sobre o campo de concentração.

DEIR EZZOR. O ÚLTIMO CÍRCULO. Dir-se-ia uma caravana de fantasmas. Pareciam leves à mercê do vento; um bando de pássaros cadentes, não um alinhamento de pessoas. As fotografias tiradas pelos turistas estrangeiros que conseguiram aproximar-se das caravanas ou fotografar,

depois, aqueles que ficaram prostrados à beira da estrada, esperando a morte, mostram-nos, no caminho para Deir Ezzor, principalmente crianças. O caminho para o sétimo círculo foi uma espécie de cruzada das crianças, tendo o mesmo destino de todas as cruzadas desarmadas. As crianças daquelas fotografias são esqueléticas, com o corpo mirrado, com a barriga retraída, com as costelas proeminentes, tensas como uns arcos de aço por cima da cavidade do esterno, com os braços e as pernas finas como galhos, com as cabeças desproporcionalmente grandes, assim como as cavidades oculares, que parecem sair da órbita ou enfiadas no centro da cabeça. As crianças olham sem expressão alguma no rosto, senão aquela de devaneio mental, olham como se fossem do outro planeta, não estendem as mãos, não pedem nada. Nos seus olhos não há ódio, pois viveram muito pouco para compreender e condenar. Também não há súplica, porque esqueceram o que é a fome; não há tristeza, porque não viveram as alegrias da infância; não há esquecimento, porque já não tinham lembranças. Nos seus olhos há o nada. Nada, a janelinha entreaberta para o outro mundo.

O colapso de uma mulher condenava à morte também o filho. A maioria das vezes, este permanecia junto da mãe, esperando a morte juntos. Hermine observou, com desespero, o rubor do tifo no rosto da menina. Em pouco tempo, devido à canícula, as manchas vermelhas aumentaram. Hermine avançava, apertando a menina e chorando. Sahag quis ajudá-la, mas a mãe não deixou que se aproximasse, para protegê-lo da doença. Nem ela a tocou mais, apenas a observava enquanto dormia, procurando, com o coração apertado, os sinais da doença. Às vezes acreditava, desesperada, que os tinha descoberto. Outras vezes, respirava de alívio; eram apenas manchas de poeira que, misturadas com o suor, ganhavam a cor do sangue seco. Conteve-se para não abraçá-la enquanto dormia; apenas acariciava a menina, sem se preocupar se ia adoecer também; antes, pelo contrário; só a ideia de deixá-la sozinha no outro mundo aterrorizava Hermine que, não sabendo como curar a filha, rezava para morrerem juntas.

O caminho de Sebka até Deir Ezzor foi o mais longo e assustador de todos. Quase cem quilómetros a pé. Como o calor começou a incomodar também os soldados a cavalo, que cochilavam nas selas, ao lado das caravanas que se arrastavam com os pés queimados pela areia, decidiram

caminhar durante a noite e, de dia, paravam na margem do rio, de onde ainda vinha uma brisa refrescante. Os poucos homens que restavam improvisavam tendas para se defenderem da canícula. Alguns enlouqueciam enquanto dormiam: tremiam, agitavam-se, e era preciso bater neles com força para acordarem e não sufocarem durante o sono. Outros enlouqueciam acordados e começavam a andar sem rumo; mas a caminhada acabava depressa para eles, porque, tendo perdido a habilidade de se protegerem, caíam abatidos pelas balas.

O campo estava situado na margem direita do Eufrates. Desta vez, as tendas contavam-se às dezenas de milhares. Deir Ezzor era o último centro, para o nascente, onde ainda se organizavam este tipo de campos de concentração. A partir de Deir Ezzor já não existia trânsito para este mundo.

Por isso, aos deportados já não lhes foi dada mais comida. Como a vegetação era escassa, e os homens que poderiam matar os bichos do deserto, atraídos pelos cadáveres, também tinham diminuído, a fome tornou-se insuportável. Os corpos estavam tão debilitados que as doenças proliferavam mais devagar, porque o organismo não tinha forças sequer para portá-las. Os doentes com tifo deixaram de ter febre porque já não geravam anticorpos. Ante a fome, as outras doenças bateram em retirada, deixando-a trincar os ventres, puxar a pele dos ossos e secar as entranhas.

Havia cada vez menos incidentes. Depois de a direção do campo ter descoberto o grupo à volta de Levon Shashian, que tinha organizado não apenas os jornais vivos levados na pele dos órfãos de um campo para o outro, mas também um esquema de abastecimento de medicamentos e comida, tanto quanto era possível, e, tal como no campo de Sebka, equipas que conseguiam enterrar os cadáveres ao ritmo da morte, depois de tudo isso ser descoberto, Levon Shashian foi tirado do campo e morto com brutalidade pelo próprio Zeki Paxá, o chefe do campo de concentração. Qualquer forma de organização interna foi suprimida e, assim, na opinião dos soldados, qualquer perigo de revolta desapareceu, e o campo caiu na letargia. O receio do exército de uma revolta parecia, talvez, não justificado, pois os soldados estavam bem equipados, descansados e mais não poder e armados até os dentes, enquanto os deportados estavam cada vez mais esqueléticos, mais esfarrapados e mais vacilantes na embriaguez da morte. Só que os soldados estavam mesmo com

medo, e as autoridades de Aleppo e Deir Ezzor também. Os soldados tinham sido instruídos para lutar contra outros soldados, e as armas deles tinham sido fabricadas para serem ameaçadoras para inimigos que temem a morte. Ainda não se tinham inventado armas que assustassem quem nada temia. Cansados e esgotados pela fome, os deportados não tinham consciência de que o seu destemor da morte constituía, justamente, uma força a temer. Embora a força deste destemor da morte aumentasse a cada novo círculo, o caminho pelos sete círculos da morte não foi de revolta. A caminhada das caravanas significou, antes, uma espera da morte. A morte, perambulando pelo campo, tinha-se tornado um deles; ela foi uma das vítimas dos círculos de Deir Ezzor.

E fora, ela transparecia apenas como um murmúrio surdo. Um viajante alemão, que conseguiu ver de perto os deportados de Deir Ezzor, ficou profundamente chocado não tanto pelas coisas evidentes, que as fotografias mostravam em toda sua crueza, mas por um detalhe: naquele lugar horrendo, não viu pessoas chorando. Ou, melhor dito, não viu aquilo que, habitualmente, se entende por uma pessoa que chora, ou seja, não viu lágrimas.

Mas não é verdade que as pessoas não choravam. Apenas choravam de uma maneira diferente. Os que ainda tinham forças para se sentar, balançavam-se; os outros choravam com os olhos bem abertos para o céu. Mas o choro era uma espécie de gemido ininterrupto, com voz baixinha que, repetido por milhares de peitos, ouvia-se em uníssono. O choro não era um rasto no rosto; era um som. Como este uníssono fluía sem fim e sintonizava-se com o meio ambiente, soava como o rugido do vento entre as dunas ou o correr das águas do Eufrates, e não cessou, nem por um momento, até que as últimas caravanas de Deir Ezzor foram levadas para os planaltos onde os deportados eram mortos. Aquele pranto seco fazia de oração, de maldição, de silêncio, de confissão e, para alguns, até de sono. Muitos adormeciam chorando assim; outros morriam chorando, e o choro ainda vibrava no peito imóvel, como um tubo de órgão. Escutei este pranto quando o avô Setrak se balançava na espreguiçadeira do jardim e murmurava, ou quando o avô Garabet se trancava no quarto e parava de tocar violino.

Quando se deu o sinal, as caravanas se formaram de novo. Uma parte foi encaminhada para o nascente, em direção a Marat e Suvar. Outras rumaram para o poente, tomando o caminho de Damasco. Em ambas as direções, o

desfecho era o mesmo. Uma vez chegados a algum planalto que a vanguarda considerava conveniente, os soldados afastavam-se, cercavam a caravana e começavam a disparar. Quando já não restava ninguém em pé, enfiavam as baionetas nos canos das espingardas, tiravam as cimitarras da cintura e passavam por cima dos corpos, esfaqueando, para cumprir com as lâminas onde as balas tinham falhado. As caravanas contavam entre trezentas e quinhentas almas. Seu destino era sempre o mesmo; a única diferença era que, às vezes, os soldados deixavam o trabalho nas mãos dos beduínos, contentando-se apenas com a inspeção final, para se certificarem de que a tarefa tinha sido concluída com sucesso.

Mas nesta terra, à medida que as caravanas com centenas de pessoas de cada vez eram levadas para os planaltos transformados em lugares de execução, para Suvar ou no caminho de Damasco, outras caravanas vinham do poente, descendo para o último círculo da morte. Naquele julho de 1916, multidões se afastavam, outras se juntavam e, apesar daquele vaivém, o campo de concentração de Deir Ezzor permanecia fiel a si próprio e imóvel. As terras das redondezas estavam infestadas de ossadas. A última fronteira tinha sido atravessada. Os vivos ofereciam-se aos mortos, fazendo do enterramento a sua única ocupação. Os mortos ofereciam-se aos vivos, aquecendo-os, quais vestes, nas noites gélidas, e servindo de comunhão a quem a fome enlouquecera.

No *Livro dos Sussurros*, cada aroma, cada cor, cada fulgor de loucura tem o seu mago. O guia dos vários territórios, o mago dos mapas, foi Micael Noradunghian. Os outros ficavam à sua volta, observando, com os olhos vidrados, como os continentes se alisavam sob suas mãos. O meu avô sentava-se, sábio e silencioso; nada melhor que os mapas para demonstrar que, apesar do caos dos tempos, existe um certo sentido. Anton Merzian esquecia-se de fazer perguntas e, perante os mapas, onde havia lugar para todos, deixava de implicar com Krikor Minasian. Stefanuca Ibraileanu, Magardici Ceslov, Agop Aslanian, Vrej Papazian, Ovanez Krikorian, e todos os outros aproximavam-se com timidez, deixando-se guiar para este novo Belém, onde a redenção manifestava-se em forma de mapa. Sahag Sheitania olhava, extasiado ante aquela maravilha. Eram os únicos momentos em que, com as entranhas entorpecidas, fazia as pazes com Yusuf.